

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Galeria de Arte Virtual-21: religar arte à vida em tempos de pandemia

Virtual Art Gallery-21: relink art to life in pandemic times

Galería de Arte Virtual-21: reconectando el arte con la vida en tiempos de pandemia



Ronne Franklim Carvalho Dias

Instituto Federal do Amapá (IFAP), Macapá, Amapá, Brasil

ronne.dias@ifap.edu.br



Cristiane Machado Corrêa Ferreira

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil

cris.ferreira.ap@gmail.com



Antoniele Laine de Moura Xavier

Secretaria da Educação e do Esporte do Amapá (SEED/AP), Macapá, Amapá, Brasil

niele.laine@hotmail.com



Isaías Farias de Brito

Secretaria da Educação e do Esporte do Amapá (SEED/AP), Macapá, Amapá, Brasil

isaiasimazonia@gmail.com

Resumo: O projeto de extensão Galeria de Arte Virtual/GAV21, vinculado ao Instituto Federal do Amapá, surge como alternativa diante do isolamento social da COVID-19, configurando um compartilhamento das produções artísticas em um ambiente digital na *web*. Visando a encorajar subjetividades e reconhecimento de si (CASTAÑEDA; MORALES, 2017; PASSEGGI, 2017) a partir de concepções poéticas, o projeto dá visibilidade a produções autorais resultando em duas categorias expositivas: Mostras Temáticas Educacionais, para estudantes, e Artes Visuais, para profissionais artistas em pauta em duas exposições anuais. A GAV21 assume uma mediação cultural abrindo acesso à

Galeria de Arte Virtual-21: religar arte à vida em tempos de pandemia

comunidade escolar e um modo de fazer educação profissional com ações colaborativas. Com base em procedimentos qualitativos, o *site* possibilita inspirações empreendedoras com foco em arte, educação e cultura (TOURINHO, 2016), permitindo abordagens em práticas de inovação curatoriais e digitais (RODRIGUES; BARBUY; CHAUD, 2018).

Palavras-chave: Galeria virtual; Extensão em arte; Autobiografia; Curadoria digital; Educação na pandemia.

Abstract: The Virtual Art Gallery/GAV21 extension project, linked to the Federal Institute of Amapá, appears as an alternative in the face of the social isolation of COVID-19, configuring a strategic tool for sharing artistic productions in a digital environment on the web. Aiming to encourage subjectivities and self-recognition (CASTAÑEDA; MORALES, 2017; PASSEGGI, 2017) from poetic conceptions, the project gives visibility to productions in two categories: Educational Thematic Exhibitions, for students and Visual Arts, for professional artists, on the agenda with two annual exhibitions. GAV21 assumes a cultural mediation opening access to the school community and a way of doing professional education with collaborative actions. Based on qualitative procedures, they enable entrepreneurial inspirations focused on art, education and culture (TOURINHO, 2016), allowing practices in curatorial and digital practices (RODRIGUES; BARBUY; CHAUD, 2018).

Key-words: Virtual gallery; Extension in art.; Autobiography; Digital curation; Education in the pandemic.

Resumen: El proyecto de extensión Galería de Arte Virtual/GAV21, vinculado al Instituto Federal de Amapá, surge como una alternativa frente al aislamiento social del COVID-19, configurando un intercambio de producciones artísticas en un entorno digital en la web. Con el objetivo de incentivar las subjetividades y el autorreconocimiento (CASTAÑEDA; MORALES, 2017; PASSEGGI, 2017) desde concepciones poéticas, el proyecto

Galeria de Arte Virtual-21: religar arte à vida em tempos de pandemia

da visibilidade a producciones autorales resultando en dos categorías expositivas: Exposiciones Temáticas Educativas, para estudiantes y Artes Visuales, para artistas profesionales, en la agenda dos exposiciones anuales. GAV21 supone una mediación cultural que abre el acceso a la comunidad escolar y una forma de hacer educación profesional con acciones colaborativas, Basado en procedimientos cualitativos, el sitio *web* permite inspiraciones emprendedoras centradas en el arte, la educación y la cultura (TOURINHO, 2016), permitiendo enfoques en prácticas curatoriales y de innovación digital (RODRIGUES; BARBUY; CHAUD, 2018).

Palabras clave: Galería virtual; Extensión en el art; Autobiografía; Curaduría digital; La educación en la pandemia.

Data de submissão: 01/06/2022

Data de aprovação: 13/09/2022

Apresentação

O Brasil registrou em fevereiro de 2020 o primeiro caso de infecção pelo novo coronavírus, desde então, a pandemia produz drásticas transformações nos diversos setores da sociedade com impactos na economia, política, educação, cultura, saúde física e mental. Problemas que se intensificaram a cada novo pico de contaminações, provocando mudanças históricas em escala global.

No início, não havia uma real noção do alcance e agravamento da doença, pois, lidar com um inimigo invisível exigia atitude comportamental de proteção como isolamento pessoal para a sobrevivência coletiva. Além das mortes causadas pelo vírus, as medidas restritivas sanitárias como confinamento e atuação em *home office* fizeram aumentar significativamente índices de adoecimento mental e transtornos de ansiedade na população, conforme alertou a Organização Mundial da Saúde ainda em 2020. Os acometimentos têm causas principais indicadas por pesquisas científicas, por exemplo, de países epicentro da pandemia como Estados Unidos, Índia e Brasil que apontam o medo da contaminação, a queda da renda econômica familiar e o estado de solidão.

Contudo, a pandemia deixava um rastro de ruínas na sociedade como fechamento de escolas, centros culturais, museus, galerias e teatros tornando as áreas de educação e arte largamente afetadas, acarretando inúmeras

consequências de diversas naturezas e sem um real diagnóstico do aqui e agora.

Atônitos à pandemia que se intensificava no mundo, percebia-se a necessidade de esforços de toda a sociedade para não permitir um cenário cada vez mais catastrófico e difícil para cada cidadão ou família. No estado do Amapá, por exemplo, a população ainda sofreu o agravamento do apagão energético no período da pandemia, em novembro de 2020, um blecaute por longos 22 dias, causando prejuízos materiais e deflagrando meses de endividamento e pânico social.

Contudo, há luz no fundo do túnel! A educação e a arte assumem perspectivas de adaptação ao cenário pandêmico e sobretudo reinvenção, à medida que educadores e artistas firmam os pés na realidade ao enfrentar o problema. A adaptação às aulas remotas é, sem dúvida, a alternativa mais usual para a retomada das atividades de ensino. A habilitação tecnológica e domínio de plataformas digitais foram algumas tarefas complexas dentre as inúmeras dificuldades enfrentadas pela população como falta de dispositivos, queda do sinal de internet, condições inadequadas de ambiente de estudo, etc.

Para além da adaptação às exigências sanitárias, o projeto de extensão Galeria de Arte Virtual (GAV21) foi criado a partir de um projeto de ensino em arte no *campus* Macapá/IFAP, no ano de 2021. Ainda na condição de aulas remotas daquele contexto pandêmico, a educação buscava processos de reinvenção de seus próprios modos de

conceber e atuar pedagogicamente diante das novas demandas do mundo. O desafio perante a complexidade do problema deveria ser enfrentado com ações de responsabilidade e criatividade.

Com base numa Educação da Cultura Visual e em concordância com Tourinho (2016, p. 77), a “incerteza, instabilidade e transgressão” são sentidos derivados das práticas docentes em arte e cultura, reconhecendo os professores também enquanto “[...] arquitetos de incertezas. Apesar de que nem sempre o óbvio é óbvio, este plural reforça o que já sabemos: não há uma única, correta, definitiva e eficiente prática para aprender, pesquisar ou ensinar qualquer tema, conteúdo ou ação”.

Assim, a GAV21 objetiva oportunizar um acesso democrático das artes visuais como forma de expressão estética capaz de comunicar, (re)afirmar identidades locais e regionais e projetar subjetividades autorais, como a criação de um espaço expositivo *on-line* para as produções artísticas das comunidades acadêmica e não acadêmica.

O surgimento da GAV21 é fruto desses anseios coletivos como oportunidade de ampliação do ensino e da arte que há tempo estão estagnados em nosso Estado, tanto pela falta de incentivo e investimentos no ramo, quanto pelos acontecimentos por ordem mundial e local. Portanto, considera-se assertivo criar uma galeria de arte em modo virtual por evidenciar trabalhos dos alunos, artistas locais e até mesmo os talentos não reconhecidos do passado e que foram importantes para pensar o lugar em que vivemos e

habitamos hoje, seja ele nosso lar, nosso quintal, nossa região.

Os aspectos estruturais deste artigo definem-se, inicialmente, nos debates sobre as aprendizagens no modo remoto de aulas, seus processos metodológicos com recursos tecnológicos com uso da imagem e considerando os percalços enfrentados, como as difíceis condições materiais e motivacionais para o ensino. No segundo tópico, “o habitat” ganha um foco de discussão por ser o espaço social mais ocupado durante o isolamento da pandemia, concentrando nele múltiplas funções. O espaço de moradia tornou-se cenário e objeto de interesse, por assim dizer, como experiências autorreflexivas e autopoéticas.

“Religar arte à vida” é um dos pontos principais concentrado no projeto GAV21, sobre a relação da educação tripartite ensino/pesquisa/extensão ao cotidiano, levantando um debate epistemológico como campo aberto de possibilidades de aprendizagens em arte e cultura. No tópico “Desenho e subjetividades”, destacamos algumas experiências com os alunos participantes do projeto de extensão, na etapa de produção de imagens autorais com desenhos e fotografias. Estes acompanhados por professores-orientadores do IFAP e em parceria com o Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari, vinculado à Secretaria Estadual de Educação do Amapá/SEED-GEA.

O penúltimo tópico, “GAV21: uma janela de passagens...”, relata as possibilidades que um projeto de

extensão (equivalente ao ensino e à pesquisa) pode conseguir ao viabilizar capacitação e parcerias institucionais, especialmente, na temática curadoria digital com um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Goiás-UFG. Encerrando os tópicos de discussão com “Artistas visuais expositores”, referindo-se aos processos de perfis e montagens da primeira edição expositiva com os artistas para a GAV21.

Ensino remoto: aprendizagens em meio ao caos

Com tantos percalços que travamos nesses últimos anos, pandemia da COVID-19 e “apagão” energético não nos impediram de seguir com persistência existencial e pedagógica em afazeres e processos que possibilitaram reaprender autonomia, criação e sentido a partir da arte. Perguntávamos: como adentrar lugares e alcançar pessoas em tempos de isolamento social? Não foi difícil perceber que o foco de interesse se voltava para o sujeito, em sua moradia.

Nossas casas tornaram-se escritórios, salas de aula, laboratórios de aprendizagens e criações. Mesmo com a falta das relações sociais através da *internet* (devido ao comprometimento do sistema elétrico) percebemos como somos conectados em uma grande rede, conseqüentemente nos deixando ainda mais vulneráveis em meio às questões sociais, econômicas, educativas e psicológicas.

Esses desafios tornaram vidas angustiadas e o povo amapaense se reinventava de todas as formas para superar as adversidades geradas pelo isolamento social e virtual. Desse modo, como pensar o ensino neste momento? Como aprender em meio ao caos? Respostas a essas questões foram percebidas através da maneira como o ser humano se reinventa e se adapta às mudanças, criando soluções para construir conhecimento. O uso da arte e da expressão visual foram fundamentais para o esvaziar da mente dentro de nossas casas, assim como o ensino, que passou de presencial para remoto, sem qualquer preparo, orientação, tanto de professores quanto de alunos.

Queremos dizer que o aprender das percepções dos estudantes, naquele momento atípico, concentrava nossas expectativas pedagógicas e nos auxiliava a compreender comportamentos, sentidos e significados ao propormos que representassem seu habitat em desenhos e fotografias. As imagens nessas atividades funcionam como um modo de narrativa, do cotidiano dos alunos e que revelavam aspectos autobiográficos. O lugar do processo educacional estava na casa e nas histórias de vivência do aluno mediados pela arte, considerando o tempo caótico que todos atravessavam.

Com a necessidade do isolamento social durante a pandemia, exigiu-se um novo modo de contato com os alunos, fazendo-se necessária a utilização do ensino remoto emergencial (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 8). Diferente da Educação a Distância - EaD, planejada com antecedência

e com garantia de tempo para ajustes didático-pedagógicos, o modo de ensino emergencial demandou dos docentes e discentes uma migração “para a realidade *on-line*, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem” (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 7).

Durante a execução do projeto de extensão, em 2021, e já com uma inicialização adquirida de certas práticas digitais, nós, professores orientadores e alunos, preconizamos uma interação de aulas síncronas, ou seja, com transmissão em tempo real dos encontros nas plataformas *on-line*. Houve adaptações de horários, adequando as possibilidades e disponibilidades dos membros envolvidos e considerando o próprio espaço (residência) onde cada um estava “confinado”.

Nesse contexto de distanciamento, através de tele-aulas, algumas dificuldades persistem, sejam elas de caráter técnico, com equipamentos e plataformas digitais, sejam da ordem da compreensão da proposta pelos estudantes ou da orientação à distância por ser uma atividade de natureza prática. Encontrar a linguagem adequada e afinar a comunicação do projeto diante do uso tátil com o material foi um desafio de ambas as partes, no propósito de representar os espaços de vivência para a linguagem artística do desenho e da fotografia. Alguns professores orientadores realizaram vários exercícios com os alunos, como por exemplo, rabiscar livremente a partir da observação de alguns objetos presentes em seu

cotidiano, para aguçar a prática do desenho e abrir aos sentidos e significados da proposta extensionista.

Durante a pandemia, a utilização do ensino remoto se tornou bastante útil, principalmente em dar continuidade ao processo educativo. No entanto, ao utilizar esse processo para o ensino da prática da arte e do desenho, foram detectados alguns desafios, dentre eles a dificuldade de se acompanhar o processo das produções visuais dos alunos, considerando que cada atividade tinha uma prática específica e cada estudante um tempo de aprendizagem. A atuação no ensino remoto, ao longo da execução das composições, exigiu uma nova sensibilidade pedagógica.

Patrícia Behar (2020), em seu artigo sobre o ensino remoto emergencial e a educação à distância, durante o fechamento de escolas e o acompanhamento presencial dos alunos, esclarece o seguinte:

[...] foi preciso pensar em atividades pedagógicas mediadas pelo uso da internet, pontuais e aplicadas em função das restrições impostas pela COVID-19 para minimizar os impactos na aprendizagem advindos do ensino presencial. O currículo da maior parte das instituições educacionais não foi criado para ser aplicado remotamente¹ (BEHAR, p. 01, 2020).

Por sua vez, foi necessária toda uma adaptação da ação docente e do desenvolvimento do ensino-aprendizagem para que o conhecimento, minimamente, pudesse acontecer, principalmente nas aulas de artes.

¹ Disponível em [Artigo: O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância - Coronavírus \(ufrgs.br\)](https://www.ufrgs.br/revista-artigos/2020/05/01/01-artigo-01-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia-coronavirus). Acesso em: 26 maio 2022.

O habitat

De acordo com Bachelard (1993, p. 25) “a casa é o nosso canto do mundo [...] o nosso primeiro universo”. Adequando aos tempos de pandemia, a ideia de casa do filósofo se ajusta a um espaço de confinamento, porém de proteção e resiliência, pois ainda segundo o autor “a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo” (BACHELARD, 1993, p. 14), ou seja, um lugar que se adequa à anatomia do modo de viver de cada habitante, especialmente quando há um prolongamento no tempo de ocupação.

Dito de outra forma, a casa como habitat concentra características do próprio ser que a habita, desde traços físicos, organizacionais e decorativos até aspectos ligados à memória. Um ambiente modelado ao pulso da vida, como a sensação de ganhar espaço a cada novo *lockdown*, uma resignificação que se amplia no tempo e espaço da vida em confinamento.

Nesse movimento intimista em relação à casa, vivemos reflexões do agora e das memórias capazes de alertar para o desafio da escuta para um mundo, girando em torno do sujeito que leva ao lugar das narrativas. Segundo Castañeda e Morales,

[...] o mundo simbólico, o outro, o fazer, os laços sociais, a experiência vivida como noções no movimento da continuidade/descontinuidade levaram ao surgimento da epistemologia da narratividade: todo assunto humano é histórico, contextualizado, criativo e aberto ao devir. (CASTAÑEDA; MORALES, 2017, p. 75)

Pois, a casa habitada pelo ser reúne experiências pessoais que devem ser percebidas sem qualquer juízo de valor, abertas a compreender de modo mais amplo, relações de conhecimentos e aprendizagens como traços específicos de autobiografia.

A construção autobiográfica se faz em reconhecer o sujeito autor de sua história de vida, como um processo de investigar como as experiências dão forma e sentido à existência (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). Nesse modo, ao colocar em relevo as histórias de vida, o sujeito convoca as complexas relações que o indivíduo estabelece com representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece. Ali, nos campos da intimidade do habitat é possível percebê-lo meio e fonte de reflexões sobre o ser e seus modos de vivências, como angústias, solidão, medos e sonhos, capazes de trazer vivências e expectativas ao centro do debate, não de forma ensimesmada, sobretudo, em diálogo com o mundo.

Religar arte à vida

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a extensão integrada ao tripé com o ensino e a pesquisa, deve estar “aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996). Na prática, os projetos de extensão são ações em diálogo com a comunidade escolar, envolvendo parcerias institucionais, atando relações profissionais, estudantis e entre os cidadãos de um modo geral.

A extensão pode ser vista como uma *práxis* reunindo aspectos teóricos e práticos, promovidos em âmbitos acadêmicos ou com objetivos de aplicabilidade social ou tecnológica, enfim, numa busca alternativa e resolutiva ao mundo. A combinação entre extensão e arte funciona nessa proposta como forma de considerar o conhecimento artístico próximo às atividades cotidianas, que podem estar nos afazeres da casa, ou nas aparentes rotinas da vida prática. Diante do contexto pandêmico, a extensão acadêmica, ao alcançar a casa como lugar de aprendizagens, exige novos modos de perceber e conceber o processo educativo como algo que se revisa e se revisita.

A situação caótica nos faz perguntar sobre o que queremos não somente da arte, mas sobretudo, do mundo em que vivemos. Percebemos questões sem uma resposta

pronta, especialmente aquelas que rompem com as rotinas pedagógicas como as que Tourinho (2016) nos ajuda refletir:

[...] queremos que a arte e as imagens ofereçam, provoquem, configurem experiências. Queremos capacidade e habilidade docente que nos ajudem a encontrar maneiras diversificadas para lidar com um mesmo foco, modos alternativos de proceder que estimulem experiências estético-artísticas e culturais que impactem, atraiam e operem mudanças nos modos como aprendemos, como vemos o mundo e os sujeitos com os quais nos envolvemos (TOURINHO, 2016, p. 83).

A experiência, sem dúvida, é uma oportunidade de aprendizagem significativa quando se permite perceber e viver transformações por meio de uma abertura de compreensão da história, do espaço geográfico e cultural envolvidos. O aspecto estético-artístico é um viés potencial, um meio instigante aos novos sentidos e significados possíveis na complexidade da vida.

No projeto da GAV21 – resultado do projeto de ensino “Habitando desenhos”, de 2021, no qual se desdobrou, naquele mesmo ano, em projeto de pesquisa através do Grupo de Pesquisa Pró-Educar/IFAP – evidenciam-se ações extensionistas na participação de profissionais e estudantes de diferentes áreas da educação com os objetivos de produzir, debater e expor imagens e conteúdos do contexto educação/arte/cultura. Os projetos expositivos são aceitos por fluxo contínuo. Depois de analisados pela equipe curatorial, são desenvolvidos e publicados a cada semestre, sempre com a promoção de *lives* com palestras e rodas de conversas na abertura das mostras.

A GAV21 tem como um dos objetivos ser um espaço democrático à produção e exposição de imagens, ideias e práticas interligando, inicialmente, a comunidade escolar na formação de público crítico às possibilidades reflexivas para a educação como uma interface entre a extensão, ensino e pesquisa.

Desenhos e subjetividades

Uma das categorias expositivas da GAV21 trata das Mostras Temáticas Educacionais - MTE, voltada para ações de ensino-aprendizagem que resultem em produções estético-imagéticas. Na primeira edição de 2021, desenvolveu-se o projeto “Habitando desenhos”, o qual contou com a participação de oito estudantes do ensino médio técnico do *campus* Macapá/IFAP e três alunos das redes municipal e estadual. Todos se reuniam em modo remoto formando grupos, com acompanhamento de um professor-orientador, distribuídos em dias e horários específicos. Todavia, apenas os oito estudantes do IFAP conseguiram concluir a etapa de produção como expositores.

Buscou-se com o projeto uma experiência com o espaço habitado da casa, fazendo do ambiente doméstico um exercício poético, diante das mudanças de rotinas pela pandemia, concentravam-se modos de moradia afetados, tornando uma prática comportamental de (re)habitar a própria casa a partir de percepções reflexivas, assim como

(re)habitar o desenho! Pois, para alguns estudantes, até aquele momento, desenhar seria uma atividade fadada ao desuso.

Vale lembrar que um dos desafios propostos pelo projeto de extensão foi trazer as subjetividades dos orientandos à tona – o que eles estavam dispostos a compartilhar – de modo prático, os participantes deveriam gerar produções imagéticas das vivências considerando o cenário pandêmico. Apesar dos estudantes já cientes do objetivo de que a produção gráfica seria uma das principais atividades, naqueles primeiros contatos, em muitos pontos, eles se viam travados às ideias e à criatividade!

Foi o que eu, Antoniele, percebi: uma certa ansiedade entre os orientandos no tocante à dificuldade de produzir, especialmente, uma certa resistência na produção autoral, pois a minha experiência docente e artística me faz acreditar que desenhar requer dentre outras coisas, um esforço mental e criativo. Após instigantes debates a respeito do que seria desenhar, seja por meio da definição denotativa, passando por aspectos filosóficos ou utilizando exemplos de modo conotativo como a cena do filme “O pequeno Príncipe” (SAINT-EXUPÉRY, 2009), em que a criança pede para o adulto: “desenha um carneiro pra mim?”, destaquei esse trecho da narrativa literária para refletir com os discentes: o desenho que mais se aproximou do que foi solicitado representava uma caixa com dois pequenos furos rabiscados, de maneira lúdica sugeriu-se que a criança pudesse espiar e assim ver o seu carneiro, aquele que ela

imaginava. Esse trecho gerou uma certa aura de leveza na possibilidade de experimentar o desenhar sem culpa ou expectativas de perfeição.

A partir de então, trabalhamos no foco de que o caminho percorrido tem sua importância vivida com inteireza, utilizando-se do visível e da imaginação através de uma mediação remota. Quanto à conexão, necessitou ir além da internet, permeando caminhos de afetos e reverberando ondas de sentidos entre os orientandos do início até a culminância do projeto, dilatando um sentimento de transformação de si.

Não se mergulha no mesmo rio duas vezes, já dizia Heráclito, considerando o desafio de encarar um processo de “laboratório vivo” de maneira fisicamente distante, através do ensino remoto, foi sem exageros, transformador tanto para os estudantes, quanto para nós professores-orientadores – relatos esses que podem ser vistos em vídeo no registro da *live* ocorrida para a *vernissage* da exposição produzida para a GAV21².

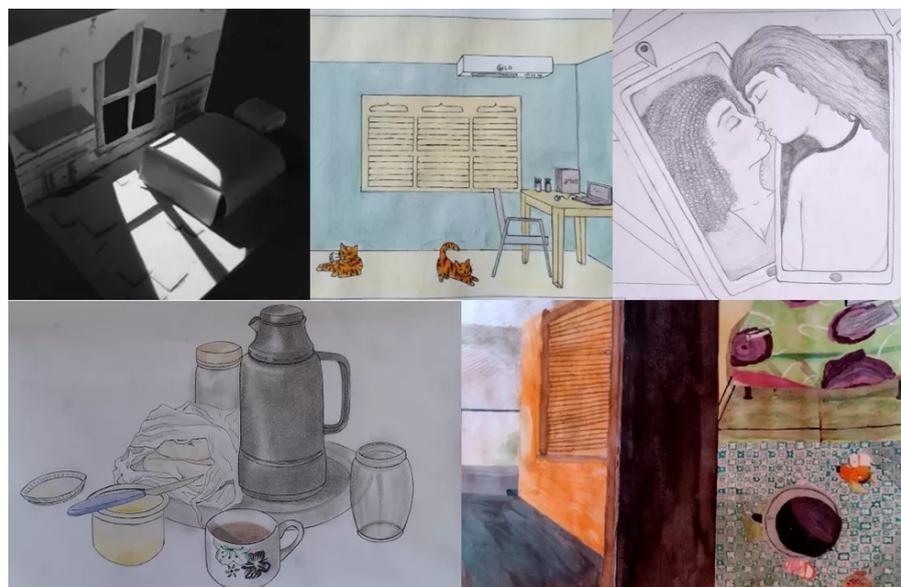
Na exposição virtual dos discentes (figura 1) “Habitando desenhos” é perceptível uma sensibilidade nas vivências de cada aluno, seus desejos, anseios, angústias, reflexões expressadas nas pinturas, fotografias e colagens. Assim como, “compreende que a exposição é um elemento indispensável ao exercício e à existência da/o artista em formação e, portanto, não poderia deixar de estar presente de forma mais contundente nos processos de

² Ver site www.gav21.org

ensino-aprendizagem vivenciados pelos nossos alunos” (RODRIGUES, WILHELM, CHAUD, 2018, p. 46).

Considerar o artista em formação é um dos vieses do projeto GAV21 conforme sua justificativa a partir de “[...] concentrar conteúdos sobre arte e cultura, desde o cenário amazônico amapaense, apresentando-os como referências resultantes de projetos curatoriais, de modo acessível ao estudo de manifestações estéticas, de naturezas prática e teórica em reconhecimento às produções artísticas”³.

Figura 1: Mostra "Habitando desenhos". Produções dos alunos, 2021.



Fonte: Acervo da Galeria de Arte Virtual-21.

Por todo modo, levando em consideração essa dinâmica do projeto, eu, Isáias Brito, tive a grata satisfação de perceber que meus alunos compreenderam a potencialidade que as linguagens artísticas trouxeram para eles, para seus estudos e suas vidas, pois a cada aula que

³ Disponível em <https://www.gav21.org/home>

tínhamos, os estudantes se sentiam mais à vontade para se expressar, expondo fatos que antes eram difíceis fazer através da linguagem escrita ou falada, sem considerar o distanciamento social. Entre os aprendizes, muitas vezes, demonstravam tabus, outros, barreiras psicológicas atravessados pelo momento pandêmico vivido por todos.

Pude perceber a sintonia da proposta com os alunos, quando Emilly Eduarda, uma das participantes comentou: “Depois de estudar um pouco sobre e com a linguagem artística, o entendimento do mundo e a educação ficaram mais fáceis para mim! Por exemplo, assuntos que tinha dificuldades em entender, nas outras disciplinas da escola, passaram a ficar menos complexas”! (Trecho do relato dos expositores, *site* GAV21). Essa declaração da aluna me faz observar a importância da arte para a interdisciplinaridade educacional, assim como para as compreensões em interfaces da arte com o mundo em nossa volta.

GAV21: uma janela de passagens...

Continuando a conversa, a modalidade de ensino *on-line* demonstra a cada momento sua importância comunicativa para o mundo, os cursos ofertados através da *internet* durante a pandemia da COVID-19, nos mais diversos temas e finalidades, permitiram reatar uma relação social, renovando o fôlego da vida para aqueles em condições de isolamento social.

Foi por meio do modelo virtual de ensino que elaboramos uma capacitação por meio de oficinas, palestras e rodas de conversa em curadoria digital em parceria com o grupo de pesquisa Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas - NuPAA da Universidade Federal de Goiás/UFG e o Grupo de pesquisa Pró-Educar do Instituto Federal do Amapá/IFAP. Essa parceria institucional foi fundamental para a valorização e crescimento do projeto, encaminhando monitores e professores-pesquisadores na construção do site da GAV21 e na criação de possibilidades curatoriais, mesmo diante das dificuldades de acesso à *internet* e a indisposição física e mental que o próprio momento histórico causava.

Contudo, conhecer mais sobre curadoria em arte, nos fez pensar nas oportunidades que surgiriam em outros projetos, exposições e campos de trabalho conectados a alunos, professores, artistas, envolvendo o local, a história e memória em torno de um recomeço para as nossas angústias, causadas pelas agruras de uma pandemia e de um apagão energético no Amapá. A capacitação reuniu profissionais e estudantes com interesse especializado para a curadoria, especialmente, a curadoria digital e de modo remoto foi uma novidade em nossa realidade local.

As discussões estavam voltadas para galerias virtuais, uma tendência crescente antes mesmo da pandemia, em plataformas *on-line*. Estabelecendo apontamentos sobre conceitos e maneiras curatoriais, discutia-se a importância social dessas ferramentas e mecanismos tecnológicos de

divulgação de trabalhos artísticos. Para as autoras Rodrigues, Wilhelm e Chaud (2018, p. 43), que debatem sobre o planejamento e realização de uma exposição, “significa mais do que apenas dispor de imagens e objetos num espaço expositivo”. É necessário compreender a exposição como fonte de pesquisa, ensino e extensão, reconhecendo o público que se pretende atingir e os debates que surgirão no decorrer de uma exposição presencial ou *on-line*.

O trabalho de curadoria vai além de uma organização técnica de dados, objetos e espaços, requer estudo sobre procedimentos artísticos, biografias, compreensão da temática e sobretudo, para nosso interesse pedagógico, os processos de aprendizagens que estão sendo abordados em cada projeto. Esse é um aspecto de curadoria crítica que as pesquisadoras nos ajudam compreender que “a exposição se configura num espaço dialógico de compartilhamento de fazeres e saberes por meio do contato direto com a arte e seus processos” (RODRIGUES; WILHELM; CHAUD, 2018, p. 3). É um aprendizado constante, de se colocar em processo complexo da arte, a partir das observações, se inserir em questões educacionais, emocionais, culturais, antropológicas e sociais que chegam a um público específico.

Depois do trabalho teórico, nós professores e discentes, partimos para a prática da montagem da Galeria de Arte Virtual, utilizando os processos de construção resultantes das oficinas de trabalho, das pesquisas em

outros *sites* e galerias, enveredamos expressivos e ávidos de criatividade para a concretude da GAV21. Para esse processo foram selecionados três artistas visuais para expor seus trabalhos a partir de uma linha conceitual que trata de realidades externas e internas do que acontecia nesse tempo histórico, ou seja, de um olhar que exercitasse refletir sobre dimensões “do fora”, das paisagens e espaços públicos e “do dentro” nas subjetividades em meio ao medo, sonhos e percepções.

Artistas visuais expositores

Os Projetos de Exposição em Artes Visuais - EAV, são a outra categoria da GAV21, não menos importante, destinada aos artistas com produções de caráter consistente, frequente ou profissional. O espaço virtual de exposição contribui para reativar e ampliar o leque de visibilidade da classe artística tão afetada pelo isolamento social da pandemia. Tal ambiente digital oferece a possibilidade de uma proximidade dos artistas com o público, assim como contribuindo na formação de público em arte, quando o *site* oferece além das imagens, produção de conteúdo educativo e crítico desde biografias, passando por análises visuais até glossários especializados e links de artigos científicos na área de arte e cultura.

Todo material é desenvolvido sob definição de uma linha curatorial, considerando na primeira edição dessa categoria, dois curadores, **Cristiane Ferreira** e **Ronne Dias**, e

três autores Mapige, Haroldo e Isaías, ambos artistas e professores de arte convidados para compor a exposição intitulada “Janelas”, inspirada nesse tempo-espço que almeja por passagens seja dos anseios da pandemia, seja por tempos melhores que tenham as produções artísticas como meios inspiradores de mudanças.

Eu, Cristiane, ao participar da montagem da GAV21 como curadora, de Mapige - Maria Pinho Gemaque - Artista-Professora, performer, mulher cabocla das ribeiras da Amazônia e ativista amapaense⁴, vivenciei processos de criação para compreender e buscar mais conhecimento sistemático dos trabalhos artísticos visuais. Suas produções em ações performáticas, pinturas e colagens trazem mensagens de reflexão e impacto para pensar a vida, o lugar, o habitar e memórias com um olhar mais profundo e crítico. O trabalho da artista serve como alerta para sociedade! Uma sociedade cega e silenciada aos maus tratos e a violência contra mulheres, brasileiras, amapaenses, ribeirinhas, indígenas, negras, em suma, carregadas de medo e dor!

Mapige confirma a importância do cotidiano em um de seus trabalhos mais recentes, “(in)memória (2021), é uma pintura da minha cria, que expressa os rituais cotidianos da nossa vivência em família e grafa as trocas e os experimentos entre artes, artesanato e performance vivenciados em nossa casa um espaço onde se forma e se

⁴ Título retirado da curadoria de Mapige para a primeira exposição da GAV21, realizada em 2021. Disponível no site www.gav21.org

encontra em cada ação da vida”⁵. Essa ligação da arte com o próprio ser que habita a casa, de certo modo, onde me vejo, reverbera expressões inspiradoras e me faz pensar que a arte liga a vida simplesmente com fios condutores de experiências e emoções.

As obras dos artistas Isaías Brito e Haroldo Matos, estiveram sob a minha curadoria, Ronne, desenvolvendo um trabalho expositivo de obras que mostram a Amazônia amapaense como lugar de diversidade artística, beleza natural, histórica, cultural e de visualidades urbanas. A regionalidade representada na flora e na fauna são reforçados na ecoarte e na sustentabilidade ecológica dos entalhes de Isaías, assim como, as aquarelas dos monumentos urbanos de Macapá, de Haroldo.

Isaías é um artista que se define um protetor da natureza e que se sente livre para trabalhar com reaproveitamento de materiais como a madeira. Para a exposição na GAV21, assim ele revela [...] “eu defendo a Amazônia com minha arte! Ao trabalhar com a ecoarte eu sinto uma grande liberdade... Sinto-me inspirado cada vez mais, no contexto da arte contemporânea, de expandir para novos horizontes ao utilizar novos suportes e no reaproveitamento de outros materiais não convencionais...”⁶

Já Matos, com formação também em arquitetura, traz em sua temática a cidade de Macapá e edificações pintadas

⁵ Entrevista com a artista-performer Mapige Gemaque, 2021. Disponível em: <https://www.gav21.org/exposicoes/autor-inaugural-da-gav-21> Acesso em 15 mai. 2022.

⁶ Trecho retirado da seção exposições/autor-inaugural da GAV 21. Disponível em: <https://www.gav21.org/exposicoes/autor-inaugural-da-gav-21> Acesso em 15 mai. 2022.

em aquarela, paixão antiga, porém, despertada durante a pandemia da COVID-19. Mostrar visualidades de uma Amazônia amapaense urbana com um colorido suave e ao mesmo tempo marcante, pois “[...] elas descrevem com primor cenários da cidade, composições de quem percebe a paisagem para além da imagem, assim, instigam modos de olhar os espaços sociais em seu conjunto e representatividade vital, porém, imagens ainda pouco conhecidas aos olhos do mundo. Seus trabalhos nos aguçam questionar: o que nos faz lembrar um lugar?”⁷

Temáticas como as de Mapige, Isaías e Haroldo nos levam a pensar o quanto é importante esse olhar para a produção artística local falando do nosso lugar, nossa gente, nossa história, angústias, desafios, protestos e preservação agora abertos para serem vistos pela sociedade.

Esses conhecimentos curatoriais e investigativos da biografia dos artistas e dos demais expositores do projeto GAV21 foram essenciais para a construção da exposição, que contou com a colaboração de técnicos do IFAP, curadores e monitores que planejaram e elaboraram o design e a montagem da exposição on-line, conforme a figura 2.

Figura 2: Página Home da GAV21, em processo de construção (2021).

⁷ Trecho retirado da seção exposições/haroldo-inaugural da GAV 21. Disponível em: <https://www.gav21.org/exposi%C3%A7%C3%B5es> Acesso em 15 mai. 2022.

Galeria de Arte Virtual-21: religar arte à vida em tempos de pandemia

Ronne Franklim Carvalho Dias • Cristiane Machado Corrêa Ferreira • et al



Fonte: Acervo da Galeria de Arte Virtual-21.

Para me inserir de fato no projeto da galeria virtual, eu Cristiane Ferreira, tive que conhecer a plataforma *on-line* e as ferramentas digitais que eu deveria dominar. No entanto, senti muitas dificuldades nesse processo de entendimento com as novas tecnologias na alimentação da plataforma. Para acompanhar nesse profundo mergulhar nas abas do site da GAV21, contei com o apoio da monitora e aluna do IFAP Erica Ramos, estudante do Curso Técnico em Estradas também participante dos processos criativos elaborados pelos professores-orientadores Isaías Brito, Antoniele Xavier, Carla Marinho e Ronne Dias.

A colaboração de Erica Ramos foi fundamental para o desenvolvimento e alimentação da plataforma, pois sua facilidade com as novas tecnologias foi uma resolução para me adaptar aos emergentes e impositivos recursos. Mesmo encontrando entraves no domínio tecnológico, foi um

processo de troca e autoaprendizagens, pois deveria transitar em várias interfaces que não previa em minha formação pedagógica, meios que mesclam interesses dos alunos, professores e de inúmeros do universo web, permitindo que todos sejam aprendizes constantes, especialmente, para mim que me via cheia de incertezas e angústias lançadas naquele percurso.

Os processos de aprendizagem antes eram presenciais, se originaram em quatro paredes, fechados a discussões dos próprios pensamentos e ideias que iam sendo postos nos desenhos, tanto de profissionais mais experientes, quanto de alunos no processo de criação e fuga das incertezas. Foi um momento para refletir sobre o antes, o agora e depois do processo educacional! Interrogativas a serem respondidas, pois falar de si é complexo, pelo fato do sujeito se observar e compreender, tanto nos seus processos de criação e construção de saberes.

Neste mesmo pensamento aborda Passeggi e Souza (2017, p. 8) através das ideias desse espaço autobiográfico para as questões educacionais através dos conceitos de Delory-Momberge que conduz:

Levar a sério essa atitude singular, praticada desde a mais tenra idade, constitui um dos pontos centrais da pesquisa (auto) biográfica em Educação. Admite-se, pois, como pressuposto, que o sujeito, em todas as fases da vida, apropria-se de instrumentos semióticos (a linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens etc.).

Entre outras palavras, assumimos por meio da arte tentativas de administrar todas as experiências vivenciadas em nossas vidas, e expressá-las através de várias formas sensíveis, seja no desenho, na cor ou na linguagem gráfica, um modo de se comunicar consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Considerações finais

Os problemas atrelados à pandemia da COVID-19, por um lado, desencadearam intercorrências da rotina social, descontinuidades dos processos educacionais, perplexidades pelo despreparo em vários setores do cenário político nacional. Por outro lado, a situação caótica inicialmente sanitária fez gerar outros modos de ressignificar comportamentos e concepções no campo da educação e da arte, dentre vários setores técnicos e de produção social.

Uma dessas alternativas trata, primeiramente, em reconhecer que nós, professores, sujeitos pensantes e atuantes, somos capazes de exercer funções sociais com atitudes afirmativas e planejadas, observando e considerando nosso meio cultural em seus aspectos históricos, geográficos e (auto)biográficos. As atitudes de intervenção devem ir além de se inserir nos sistemas, sobretudo, criar e ampliar as redes de atuação a partir de nós, assim como, alcançar lugares, pessoas e instituições inimagináveis.

A intervenção dos sujeitos como atitude (auto)biográfica concebem modos, ideias e meios para se reinventar nas adversidades, sem deixar de reconhecer a simplicidade das coisas da vida, como o ar que nos faz sobreviventes! Movidos por um espírito de compartilhar do ar da liberdade criativa e da arte, nós amazônidas amapaenses propomos respirar e navegar um modo de educação em artes visuais nas ondas da *web*, ou seja, como sujeitos produtores/pensantes, através da GAV21, nos inserimos no circuito de arte e cultura, assim como, criamos através do *site* um modo de ser circuito ao produzirmos também parcerias com diferentes instituições e profissionais de diversas áreas do conhecimento.

A produção e montagem da Galeria Virtual - GAV21, ultrapassou bem mais o querer dos envolvidos no projeto. A clareza dos objetivos, a superação dos obstáculos que foram enfrentados pelos confinamentos e decretos sanitários, a falta de acesso à *internet* de qualidade, o ensino remoto, e outros entraves não deixou abalar nossas expectativas e estratégias para alcançar o público entre estudantes, educadores, sociedade e admiradores da arte no processo de ensino e aprendizagem.

Ao ampliar esse debate ao espaço para o processo de curadoria, compreendemos que a sensibilidade, o conhecimento do assunto, a pesquisa, a montagem e a análise de um trabalho artístico fazem parte do processo de produção e criação do próprio curador(a) de arte, a qual se amplia quando o mesmo é disponibilizado virtualmente,

com livre acesso a conteúdos, ideias e visualidades de vivências, protestos, anseios e criatividade.

São narrativas dialogantes porque falam da vida, do lugar que habita, das angústias que afloraram as páginas da GAV21, com o principal objetivo de estabelecer mediações educativas e culturais através de produtores de arte, a partir do contexto local - Amazônia amapaense - e adentrar na sociedade mais ampla fornecendo um repertório de conhecimento de dados visuais, biográficos em diálogo com o campo das artes e da vida.

Referências

BACHELARD, GASTON. **A POÉTICA DO ESPAÇO**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1993.

BEHAR, PATRÍCIA ALEJANDRA. [ARTIGO: O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CORONAVÍRUS. JORNAL DA UNIVERSIDADE - UFRGS](https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/), 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.UFRGS.BR/CORONAVIRUS/BASE/ARTIGO-O-ENSINO-REMOTO-EMERGENCIAL-E-A-EDUCACAO-A-DISTANCIA/](https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/) . ACESSO EM: 2 MAIO 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **LDB - LEI Nº 9394/96**, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. BRASÍLIA: MEC, 1996.

CASTAÑEDA, JOSÉ ANTONIO SERRANO; MORALES, JUAN MARIO RAMOS. **NARRAR A VIDA: DELIBERAÇÕES NO CAMPO BIOGRÁFICO**. IN: MARTINS, RAIMUNDO; TOURINHO, IRENE; SOUZA, ELIZEU CLEMENTINO DE (ORGS.). PESQUISA NARRATIVA - INTERFACES ENTRE HISTÓRIAS DE VIDA, ARTE E EDUCAÇÃO. SANTA MARIA: EDITORA DA UFSM, 2017, p. 75-97.

GALERIA DE ARTE VIRTUAL 21. SEÇÃO: **EXPOSIÇÕES**, 2021. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.GAV21.ORG/EXPOSI%C3%A7%C3%B5ES](https://www.gav21.org/exposi%C3%A7%C3%B5es). ACESSO EM: 15 MAIO 2022.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. POR UM NOVO CONCEITO E PARADIGMA DE EDUCAÇÃO DIGITAL ONLINE. **REVISTA UFG**, GOIÂNIA, v. 20, n. 26, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAS.UFG.BR/REVISTAUFG/ARTICLE/VIEW/63438](https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438). ACESSO EM: 14 JUL. 2022.

PASSEGGI, M. C. Y SOUZA, E. C. REVISTA INVESTIGACION CUALITATIVA. **O MOVIMENTO (AUTO) BIOGRÁFICO NO BRASIL: ESBOÇO DE SUAS CONFIGURAÇÕES NO CAMPO EDUCACIONAL**. INVESTIGACIÓN CUALITATIVA, 2(1), 2017, p. 6-26.

RODRIGUES, MANOELA DOS ANJOS AFONSO; BARBUY, VERA REGINA; CHAUD, WILHELM ELIANE MARIA. COEXISTÊNCIA: A EXPOSIÇÃO DE ARTE COMO LUGAR DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO. **REVISTA UFG**, GOIÂNIA, v. 18, n. 22, p. 42-60, JAN./JUL. 2018.

SAINT-EXUPÉRY, ANTOINE DE. **O PEQUENO PRÍNCIPE**. 48. ED. RIO DE JANEIRO: AGIR, 2009.

TOURINHO, IRENE. CULTURAS E PRÁTICAS DO COTIDIANO: METAFORIZANDO COM VISUALIDADES NA BUSCA DE SENTIDOS DO APRENDER...PESQUISAR...ENSINAR. **PARALELO 31**, JUNHO, 2016. ACESSO EM: 16 JUL. 2022.